

Guia\*  
astroológico\*  
para  
corações  
partidos  
SILVIA ZUCCA

Tradução  
JOANA ANGÉLICA D'AVILA MELO



Copyright © 2015 by Silvia Zucca

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Guida astrologica per cuori infranti

*Capa*

estúdio insólito

*Preparação*

Milena Vargas

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Márcia Moura

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Zucca, Silvia

Guia astrológico para corações partidos / Silvia  
Zucca ; tradução Joana Angélica D'Avila Melo. – 1<sup>a</sup> ed.  
– Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2016.

Título original: Guida astrologica per cuori infranti.  
ISBN 978-85-5651-011-2

1. Ficção italiana I. Título.

---

16-04108

CDD-853

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura italiana 853

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

[www.objetiva.com.br](http://www.objetiva.com.br)

*Para meu pai,  
pelo seu aniversário especial.  
E para minha mãe,  
que me ensinou a ler.*

# Prólogo

## O ZODÍACO PODE ESPERAR

Tem dias que você sente na pele. Você acorda e tem certeza de que nada vai dar certo, de que seria melhor ficar na cama, virar a cara para a parede e puxar o edredom até cobrir a cabeça.

Se fosse um filme, ao fundo se ouviria minha voz dizendo que não quero me levantar e que prefiro pegar debaixo da cama a caixa em que escrevi: KIT DE SOBREVIVÊNCIA.

No meu kit de sobrevivência, além de uma foto do abdômen do Hugh Jackman, jujubas e um saquinho de milho pronto para virar pipoca, estão aqueles filmes, ainda rigorosamente em VHS, que não deveriam existir na videoteca da apaixonada por cinema que digo ser... Na estante da sala, mostro minhas coleções do triplo K, que não corresponde a Ku Klux Klan, mas a Kubrick, Kiarostami e Kusturica, porém embaixo da cama escondo filmes românticos como *Um lugar chamado Notting Hill*, *Dirty Dancing — Ritmo quente*, *Uma linda mulher* e *Ghost — Do outro lado da vida*.

É verdade. Quando tudo dá errado, eu me proporciono uma overdose de filmes melosos. Por que justamente esses filmes? E logo comédias românticas dos anos 1980 e 1990? Porque sou uma eterna garotinha, e essas histórias, para mim, evocam o passado, assim como as madeleines de Proust. Desde as primeiras cenas, me sinto acolhida no mundo tranquilo e seguro da minha infância. Eu penso que a vida faz sentido e que, mesmo quando tudo parece andar mal, um final feliz está para chegar, na próxima esquina, no último minuto, pouco antes dos créditos finais.

Hoje é um desses dias. Sei disso assim que abro os olhos ao toque do despertador. Estou tentada. Muito tentada. Mas, obviamente, os dias de kit de sobrevivência tendem a acontecer às segundas-feiras, quando você tem uma reunião no trabalho cuja importância só se compara à de uma conferência de cúpula da ONU.

E olha que eu sabia desde ontem à noite que injetar na veia *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* era má ideia. Ainda mais quando decidi regar o filme e as minhas dores com a garrafa de champanhe Louis Roederer comprada para comemorar o aniversário de namoro que, no fim das contas, nunca aconteceu.

Na vida, também existem momentos em que você se prejudica conscientemente.

Por isso, quando afasto o edredom, só posso lamentar a noite que terminei em grande estilo: abraçada ao vaso sanitário, chorando como uma idiota entre uma ânsia de vômito e outra.

Eu me arrasto até a cozinha, esperando que uma dose dupla de cafeína faça em mim um efeito milagroso, me despertando da catatonia. Depois, por força do hábito, ligo o rádio para escutar as notícias e ver se me sinto melhor com o fato de ter gente em uma situação pior do que eu.

Por fim, crio coragem e vou para o banheiro. *Aimeudeus*. No espelho vejo o retrato de Dorian Gray, versão feminina de pijama. As olheiras me fazem parecer um panda de peruca.

*Carlo, eu te odeio*, penso, recolhendo os cacos de mim mesma e os restos da orgia de comida e lixo espalhados pela casa.

Carlo é meu ex-noivo histórico. Cinco anos juntos. Sete meses, doze dias e quatro horas (mais alguns poucos minutos) morando juntos, que acabaram já faz quase dois anos. Claro que em dois anos uma mulher deve refazer a vida, e eu refiz. Ou pelo menos tentei, considerando a fileira de homens errados que arrumei depois dele (o último, Giorgio, me deixou de lembrança justamente aquele maldito champanhe). O problema é que, enquanto os outros iam e vinham, Carlo permaneceu, embora a gente não esteja mais junto. Sempre pensei que nosso vínculo, no fundo, fosse algo mais forte do que o amor comum, mais complexo, que transcendia a atração física. Como em *Harry e Sally — Feitos um para o outro*.

Foi para o sofá de Carlo que eu corri sempre que algum desses homens errados partiu meu coração nos últimos dois anos. E, do outro lado, era para mim que ele falava sobre suas conquistas passageiras. E eu sempre soube que seriam mesmo isso: *passageiras*.

Só que Carlo vai se casar.

Daqui a sete meses.

E, ainda por cima, descobri pelo Facebook. Nem foi pelo Facebook dele, mas daquela cabeça-oca da Cristina, que anunciou para todo mundo: *Estou grávida, Carlo e eu vamos nos casar em setembro, no dia do meu aniversário!*

Fantástico. Parabéns. Muitas felicidades. E um belo foda-se do tamanho da catedral de Milão, pode ser? E pensar que, no início, achei que éramos amigas.

Não que eu quisesse estar no lugar dela, mas eu é que deveria me casar primeiro, não o Carlo. Não se diz sempre que “primeiro as damas”?

Então chegamos ao meu outro problema mais urgente: a idade. Não sou exatamente jovem, já passei um pouco dos trinta. Queria muito conhecer alguém, me apaixonar de verdade (e ser correspondida, quem sabe?), formar uma família. Em vez disso, sou tão azarada em romances que corro o risco de ficar para titia.

... Os vários sindicatos envolvidos confirmaram a greve geral dos meios de transporte urbano, marcada para hoje. Lembramos que a paralisação se dará das oito e quarenta e cinco desta manhã até as quinze horas e, depois, das dezoito horas até o final do expediente...

Estou sentada no vaso, com a cabeça apoiada nos joelhos, quando escuto distraidamente a notícia no rádio.

— Ai, caralho!

Isto, sim, me dá um súbito banho de adrenalina. A reunião começa às nove e meia e meu carro vai ficar na oficina até quarta-feira.

Acorda, Alice! Como você pôde esquecer? Já são oito e quatro, se o relógio do banheiro estiver certo. E, considerando que para ir daqui até o metrô eu levo cerca de dez minutos, não me restam nem vinte para me transformar de *Carrie — A estranha* em uma versão *low budget* de Alice Bassi.

Adeus, banho. Adeus, chapinha. Adeus, esmalte. Ou melhor, o esmalte eu vou jogar na bolsa; talvez tenha tempo de dar uma ajeitada nas unhas assim que chegar ao trabalho.

Aumento a velocidade e pesco no armário uma roupa básica, para não precisar me preocupar muito com estilo.

Por fim, consigo fazer um tempo melhor que o do velocista Carl Lewis e em exatos dez minutos estou fora de casa, xingando minha síndrome de desordem crônica, que me fez desistir de procurar pelo guarda-chuva.

Sob um dilúvio, corro até o metrô, me misturando aos outros infelizes que esperam de cara fechada a chegada do trem.

São oito e dezesseis, e alguém vocifera que não vai dar tempo de chegar o último trem antes da greve. Recomeço a fazer mentalmente os cálculos. Daqui até a conexão que preciso fazer são quinze minutos a pé... E já estou atravessando a rua em passo acelerado, tentando não ligar para a chuva que molha meus cabelos e meu casaco.

— Mas que dia de merda! Que dia de merda! — resmungo ininterruptamente entredentes, como um mantra.

Em resposta, parada em um sinal, recebo a reprevação de uma senhora octogenária armada com um carrinho de supermercado:

— A senhorita não sabe que uma mulher não deve falar palavrões? Não quer arrumar um marido?

Eu me concentro na cor do sinal, com uma resposta grosseira na ponta da língua. Mas a luz verde acende logo e me poupo o fôlego, correndo dali.

Enquanto minhas meias de listras coloridas ficam encharcadas até o joelho, sinto falta do meu kit de sobrevivência, especialmente de *Ghost*. Porque pelo menos nessa história o cara é um fantasma, e não dá para pensar que, depois que o filme acabar, ele vai mudar de ideia, abandonar a Demi Moore e engravidar outra mulher.

— Lamento, senhores, o último já passou — diz o homenzinho que está fechando a grade da estação.

Não é possível. É um pesadelo. Para merecer um dia como este, devo ter sido uma pessoa horrível em outra vida, como o cara que fritava criancinhas na Oktoberfest dos ogros, ou alguém que destruía obras de arte em série, ou pelo menos o produtor daquela porcaria de *Highlander II — A ressurreição*.

Eu me agarro à última esperança: a companhia de táxis na minha lista de contatos. E, depois de mais quinze minutos embaixo d'água, chega meu anjo salvador: Wapiti 2847.

— Bom dia — digo ao motorista, não muito convencida.

O sujeito, que tem um rosto encovado e bronzeado ao estilo Crocodilo Dundee, me encara por um instante e depois me aponta um jornal no banco de trás.

— Pode sentar em cima dele, senhora? Senão, vai molhar o banco todo.

Certo. Perfeito. Odeio quando me chamam de “senhora”. E agora tenho que embrulhar a bunda em jornal, como se fosse um robalo comprado no mercado.

— Claro — respondo, amável. Só me falta agora começar a brigar com o Crocodilo Dundee, correndo o risco de ser largada na rua, a quilômetros do escritório.

— Muito inconveniente essa greve, hein? — diz ele, dando a partida.

— Pois é.

— Ainda bem que existe o *wapiti*.

Percebo que ele me observa pelo retrovisor. Tem olhos azuis que, com o rosto anguloso e o colete de couro sintético brilhante, realmente o deixam parecido com um *old cowboy*. No espelho está pendurada uma espécie de apanhador de sonhos, com um monte de penas.

— O que é *wapiti*? — pergunto, então.

— Obrigado por perguntar. O *wapiti* é um alce canadense. Na medicina xamânica, é considerado um animal sagrado. Simboliza o equilíbrio. As pessoas que têm o *wapiti* como espírito-guia podem até não ser as primeiras a alcançar um objetivo, mas vão continuar tentando, sem se desgastar totalmente com isso.

Bem, espero que este *wapiti* alcance meu objetivo, e antes das nove e quinze.

— A senhora parece estar precisando recuperar as energias, desculpe dizer, sabe? Na sua idade, seria bom começar a se cuidar. Já experimentou a cristaloterapia?

Na minha idade? *Na minha idade?* Deus do céu, tire-me deste maldito alce canadense disfarçado de Citroën! Quantos anos ele acha que eu tenho? Claro, não me maquiei, ainda estou com olheiras de panda; meu cabelo, a esta altura, deve estar pior que o do Johnny Depp em *Edward mãos de tesoura...* mas, caramba, não estou com um pé na cova!

Não estava, mas enfiar o pé em uma cova é o que faço minutos depois, quando Wapiti para em frente à entrada da Rede Mi-A-Mi, a pequena emissora de tevê na qual ralo todo dia há dez anos. Abro a porta do carro e meto o pé em uma cratera cheia d'água quase no mesmo movimento. Perfeito.

— Quanto deu? — pergunto, contendo uma careta de raiva e nojo.

— São vinte e dois e sessenta e cinco. Fica por vinte e dois e cinquenta.

Entendeu o xamã?

Abro a carteira. E percebo que só tenho dez euros em espécie. Merda. E agora, quem vai dizer isso a Wapiti-Crocodilo Dundee? Já o vejo me lapidando na cristaloterapia.

— Espera só um minutinho...

Quando ergo a cabeça, vejo Raffaella, minha colega, envolta em um impecável impermeável Gucci, guarda-chuva e botas da mesma cor cinza-malva. Não tem um fio de cabelo fora do lugar. Dela, as gotas se desviam com deferência.

— Andando de táxi? — comenta ela, piscando para mim. — Que mordomia...

— Espera, Raffa! Me empresta treze euros? Na hora do almoço eu devolvo, vou ao caixa eletrônico.

— Claro, querida. Tem certeza de que só precisa disso? — diz ela, me estendendo uma nota de vinte. — Tome, assim você pode pegar um chá quente na maquininha. Está com uma cara abatida.

Aceno para Dundee e entro com ela; nunca me senti tão feliz por marcar o cartão de ponto. Conseguí. São nove e dezessete. Tenho praticamente quinze minutos para tentar assumir um aspecto humano.

— Ai, meu Deus, Alice, o que aconteceu com a sua saia? — Atrás de mim, Raffa está apontando o dedo para o meu lado B.

E, levantando um pouco o blazer, vejo o motivo: tenho um artigo de jornal impresso na bunda. Culpa de Wapiti-Dundee e sua ideia genial de me fazer me sentar, molhada, em um jornal.

Eu me despeço dela às pressas e desço desabalada pela escada que leva aos estúdios de gravação. Ali fica o banheiro, mas, principalmente, os camarins onde guardamos algumas roupas de cena. Espero encontrar algo do meu tamanho.

— Bom dia.

Tem um homem diante da maquininha de café, ao lado da direção. Ele se vira para mim e me esquadriinha da cabeça aos pés.

— É nova aqui? Está perdida?

Nova aqui, eu? Ele, sim, parece ser novato. A julgar pela altura, pelos jeans, pelo olhar magnético e pelos cabelos grisalhos, deve ser um candidato a ator em *Dor de amor*, a novela que estamos gravando no estúdio Alpha. Talvez estejam fazendo testes esta manhã. Ele lembra um pouco Richard Gere, só que mais alto, e acho que tem boas chances.

— Na verdade, faz tempo que não sou nova — responde ao Richard Gere mais alto. — Mas ainda estou em boas condições e com o seguro em dia — acrescento, brincando, porque quando estou nervosa sempre falo alguma besteira. E, considerando o estado da minha cara, a mancha no meu traseiro e o olhar penetrante dele, estou nervosa com certeza.

Depois, corro para os camarins, onde encontro duas saias. Uma é saia-lápis, mas de uma inviável cor amarelo-canário; a outra é uma espécie de minissaia, escura e de pregas, que até me cairia bem, se não fosse salpicada de paetês. Então posso escolher entre ficar parecida com o Piu-Piu ou com a Britney Spears. Escolho Britney, já que os paetês escuros ainda chamam menos atenção.

— Parabéns, a saia ficou ótima. Que programa você apresenta? — pergunta Richard Gere mais alto, que termina o café e joga o copinho de plástico na lixeira.

— Ah, eu... eu não apresento nenhum... — respondo, abrindo um sorriso. Bom, se ele acha que eu poderia aparecer na tevê, talvez não esteja tão horrorosa assim.

— Ah, sim, não achei mesmo que apresentasse, mas como pegou essa saia no guarda-roupa...

Enquanto ele fala, eu me afasto, acenando em despedida. Ainda preciso ir à reunião, que começa daqui a menos de dez minutos.

Só tenho tempo de arrumar o cabelo, secando-o um pouco com papel, e de fazer uma maquiagem minimamente aceitável. Agora me pareço um pouco menos com um panda e um pouco mais com um porco-espinho. Viva a revolução dos bichos!

— Ah, Alice, você chegou, finalmente! — exclama Enrico, meu chefe. — Ligue para o bar e peça uma garrafa térmica de café. Pegue também uns copinhos. E guardanapos.

Sem dúvida evoluí muito desde o emprego temporário como garçonete na pizzaria embaixo do meu prédio.

Quando entro na sala, todos estão um pouco atrasados. Tenho tempo de arrumar os blocos de anotação, as canetas e as jarras de água, bem como conferir se há canetas hidrográficas suficientes para o quadro branco. Em seguida, como ainda estou sozinha, penso que talvez tenha um minutinho para ajeitar aquela unha com esmalte descascado. Não vai levar muito tempo.

Estou justamente dando as últimas pinceladas quando Carlo entra e me olha, dando um sorriso culpado. Meu Deus, ele não conseguia disfarçar nem o roubo de um bombom. Finjo não perceber, obviamente: o código de comportamento de uma mulher adulta, forte e independente diz que devo parecer não me importar. Continuo passando o esmalte inclusive nas outras unhas, fitando as mãos como se fosse Leonardo olhando a *Mona Lisa*.

Pelo canto do olho, vejo Carlo se sentar bem longe de mim. Bom. Sopro as unhas e balanço os dedos suavemente. Só eu importo, o resto do mundo não existe.

Então escuto alguém pigarreando.

Levanto os olhos.

Todos chegaram. Raffa balança a cabeça e se aproxima de Enrico para dizer alguma coisa em seu ouvido. Cristina toca o braço de Carlo, que está com a testa franzida e uma expressão meio triste. E, em pé diante do quadro, encontram-se Nossa Senhor Presidentíssimo da rede e Richard Gere mais alto, que pigarreia de novo.

— Bem, se a senhorita tiver acabado de fazer as unhas, eu diria que podemos começar, presidente.

Fecho os olhos. Penso na fita de *Dirty Dancing* embaixo da minha cama. *Ninguém coloca Baby no canto*. Então Baby se levanta, confiante, e mostra a todos quem é de verdade, embora seja feinha e tenha um narigão. É a revanche das quase solteironas.

Eu, porém, fico petrificada, porque não há nenhum Patrick Swayze para me conduzir, me estendendo a mão. Que, aliás, eu não poderia segurar, ou estragaria o esmalte.

No lugar do Patrick há aquele cara, que pensei ser um ator bonitinho, do tipo que se precisar decorar mais de três frases já se sente o Robert De Niro em *Taxi Driver*. E ele não está mais sorrindo do jeito fofo como me cumprimentou lá perto da maquininha de café. Seus olhos estão sérios e estreitados enquanto me encara.

— Bem — diz o Presidentíssimo, atraiando a atenção de todos. — Como os senhores sabem, nossa emissora é pequena. Uma pequena grande família com

muita vontade de crescer. E agora chegou o momento de fazer isso, de tentar dar o salto para nos tornarmos importantes. Isso significará um esforço por parte de todos, porque não será fácil, dada a crise. Mas a mudança é necessária para não sucumbirmos. Por isso, levando em conta a reformulação que queremos fazer na emissora, o sr. David Nardi veio nos ajudar. Nos próximos meses, ele observará e avaliará o trabalho desenvolvido na empresa, para depois nos dizer como e onde intervir. Onde mudar, ampliar... ou *cortar...*

Olho para Nardi como se o visse pela primeira vez. Ou melhor, tenho uma visão dele com capuz negro e foice. Porque é isto que ele é: um cortador de cabeças, contratado pelo Presidentíssimo para podar os funcionários.

E eu, entre a saia e as unhas, acabo de lhe dar a pior das minhas versões.

No fim da reunião, Raffa bate no meu ombro com ar de pena e cara de quem está dando a extrema-unção a um moribundo.

— Não tem pressa para o dinheiro do táxi, eu tinha acabado de fazer um saque. Você me conhece, *sempre* penso em tudo — diz ela, olhando para Nardi. Até pisca para ele.

Sinto vontade de vomitar. Sigo para a porta enquanto escuto Nardi dizer:

— Obviamente, as ideias dos senhores para o desenvolvimento da rede serão bem-aceitas. Quem tiver em mente um programa ou algum novo formato interessante, mencione e avaliaremos.

Talvez um programa sobre como procurar um novo emprego: *Contratado ou demitido?* Dez anos de experiência, um diploma em comunicação e outro em cinema jogados no lixo!

— Cuidado, isso aí tem germes.

Levanto a cabeça das mãos. Estou sentada no chão de um dos reservados do banheiro, o cotovelo apoiado na tampa do vaso. Pareceu que esse era o melhor lugar para refletir sobre o futuro.

Um rapaz alto, loiro e com um brinco chamativo na orelha esquerda está diante de mim.

— O quê?

Ele sorri, se agachando ao meu lado e balançando a cabeça.

— Desculpe falar, meu bem, mas sua cara não está nada boa.

— Hoje não é meu dia. — Suspiro. — É um momento complicado. Nada dá certo! Nada!

Ele segura minha mão. Usa um anel com símbolos estranhos em seu dedo médio.

— Eu sei — responde, assentindo.

Eu o encaro, e é como se ele realmente soubesse. Tenho a impressão de que esse rapaz tem todas as respostas. Como a fada-madrinha da Cinderela, só que é um homem com cabelo oxigenado usando delineador e brinquinho.

Ele também me encara de modo gentil, e diz:

— Você é de Libra, não é?

## ÁRIES

Sabe aqueles homens inflexíveis, aqueles peões grosseiros que nunca pedem sua opinião, principalmente por serem incapazes de articular frases gramaticalmente complexas? Esse é o homem de Áries. Um tipo tosco, que se impressiona com eventos como a descoberta do fogo e a invenção da roda, mas geneticamente incapaz de coisas, como higiene básica ou gentileza, que considera atos inconvenientes e pouco masculinos.

Resumindo, Tarzan com certeza era ariano. E, se não quiserem ter que ir buscar seu homem no alto de uma árvore, ou levá-lo para fazer as necessidades três vezes por dia, é melhor partir para o próximo.